

VIVA A TESE! UM GUIA DE SOBREVIVÊNCIA.

De **Maria Ester de Freitas**

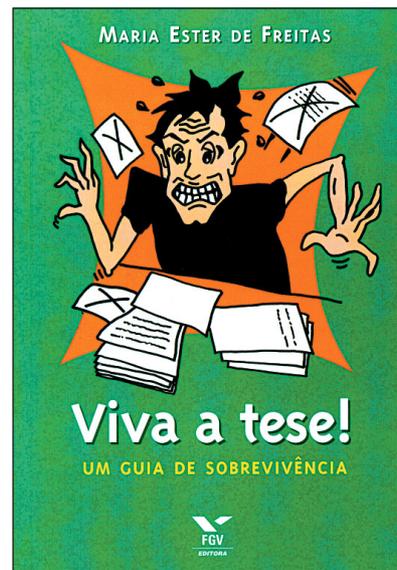
São Paulo: FGV, 2001. 107 p.

(Ilustrações de Tércio Oliveira Monteiro).

Por **João Wanderley Geraldi**

Professor do Instituto de Estudos
da Linguagem da Unicamp.

E-mail: geraldi@unicamp.br



Ao terminar de ler o ensaio de Maria Ester Freitas, não sei bem a razão, retornaram da infância uns poucos versos de uma canção regional que nunca mais ouvi e da qual não lembro o que vem antes, nem o que se segue. Martelando, e dançando nos lábios sem qualquer som para não trair a memória, ficou a seguinte seqüência – Ele está fazendo tese, “*isso é bom que mete medo e o que mete medo é bom, isso é bom barbaridade*”. É esta atividade de fazer tese, é este tempo de vida de fazer tese que a autora focaliza para apresentar um “guia de sobrevivência”. Afinal, que coisa é esta em que espontaneamente nos metemos em algum momento, a que nos subordinamos por um bom tempo e que mete medo e alegria? Mete tanto medo que precisa um “guia de sobrevivência”. Alegria tanto que permite exclamar “Viva a tese!”?

Esse período de fazer tese é “quase uma vida dentro da vida”. É neste “quase uma vida” que a autora

vai cutucar, ao mesmo tempo usando a experiência pessoal – como fazedora de tese e como orientadora de fazedores de tese.

Antecipemos de antemão: este livro é um ensaio, e sendo ensaio não é rançosamente acadêmico – o leitor poderá lê-lo como quem usufrui o prazer de acompanhar um raciocínio sobre um fazer acadêmico, raciocínio que lança mão de conceitos, sem se sentir na obrigação de defini-los; lança mão do senso comum e do bom senso, sem transformá-los em massudas categorias analíticas. Este livro é também uma narrativa: para comentar estados de espírito, sugerir cuidados e apontar caminhos, a experiência vivida – às vezes o detalhe de uma sensibilidade, de uma emoção – são os fios condutores do irônico “guia de sobrevivência”.

Quem são os “vocês”, os “lhes” a quem a autora se dirige? Certamente a interlocução que se inicia tem no horizonte leitores privilegiados, os fazedores de

tese. Mas como o livro não ensina “como fazer tese”, este restrito público leitor se espria para além dos muros da academia, por onde circulam os fazedores de teses e seus orientadores. Este é também um livro para aqueles postos à margem pelos fazedores de teses: os amigos, os familiares, esposas e esposos, amantes e adjacentes que queiram compreender um pouco desta experiência dolorosa, pois para o fazedor da tese, só resta no mundo ele e sua tese, e ambos contra o mundo. É precisamente o olhar mais complacente da autora para estes sujeitos postos à margem que lhe permite extrair de suas falas, reveladoras de suas relações com os fazedores de tese, algumas das tintas e cores mais interessantes com que desenha e colore essa “vida dentro da vida”.

Ao leitor mais curioso, apresentamos, com o objetivo de informar sem subtrair-lhe o prazer da leitura original, na forma de conta-gotas, alguns dos temas da autora, também ela fazedora de tese e orientadora de fazedores de tese, segundo *flashes* da leitura deste também fazedor de tese e orientador de fazedores de tese:

Os enganos

É preciso ir com calma, sem menosprezar o empenhamento em que se está engajado, pois “a produção intelectual é ardilosa, (...) ela é flutuante e escorregadia. Ela oscila e é caprichosa”. Mas também não se pode agigantar o sentido ou a contribuição que o resultado final trará para o acúmulo do conhecimento. Tenho uma amiga que costuma olhar para seus próprios trabalhos e sugerir que seus orientandos olhem para suas dissertações e teses como um grão de areia visto de Cirus. Acontece que “o que comumente chamamos de inspiração é a capacidade de reter e ampliar, com um toque próprio e único, um *flash* ou um *insight*, uma coisinha de nada que atravessa o nosso pensamento e que pode fugir.”

Os personagens de um mesmo eu

No diagnóstico da “tensão durante a tese”, a autora detecta que o fundamental que ocorre neste período é “uma forte modificação no jogo de forças psíquicas protagonizado por nossos estranhos íntimos personagens”. Já apontamos antes que a correlação de forças entre estas personagens varia segundo uma ordem que o fazedor de tese não consegue intuir, dado que nossa anormalidade, qualquer que seja sua manifestação, parece fugir de nós próprios e responder a uma ordem desestabilizadora, justamente no momento em que, segundo um destes personagens, mais precisaríamos de um estado emocional equilibrado.

O que mete medo

A tese há de ser original! E aí descobre-se que aquela ideiazinha, que é preciso, durante a tese, fazer crescer para além de duas páginas, não é tão original assim. E lá vai o fazedor de tese “derrubando” livros e mais livros da biblioteca, com um pequeno fiozinho condutor – aquele insight que perigosamente pode se perder – para encontrar no conjunto do já tratado, o toque próprio de um tratamento seu, único e original. O que mete medo é saber que sempre há o que não se leu! “*E se o que não se leu é precisamente aquele autor – conhecido por alguém da banca – que tratou justo deste fiozinho que era meu e de mais ninguém?*”

Os outros, eu e minha tese

São vários os capítulos destinados a este triângulo e é na análise destas relações com os outros que este livro ganha corpo maior, e se torna uma leitura deliciosa, pelos *flashes* com que ilumina a discussão, pelos próprios títulos com que encabeça cada capítulo, como se fossem *trailers* a antecipar os enredos, pelas receitas que apresenta, pela delícia de uma linguagem fluente e muitas vezes irônica, quase como se fosse uma forma de exorcizar alguns dos demônios que sobram das experiências vividas – da autora e de seus prováveis leitores. Mas isso é preciso conferir no original, para não perder a graça.

O parto e as felicitações

“*Ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro.* Eis o ideal de uma vida plenamente justificada! (...) Um filho garante a perpetuação da espécie, a continuidade de gerações e a seqüência da vida; a árvore garante o ar, a alimentação, a beleza e a continuidade da natureza, também vida; e o livro, garante o quê? Ele garante a história, através da memória e do saber construído por nossos ancestrais; ele nos presenteia com as idéias, os sonhos, o imaginário, o emocional e o racional que vigoraram numa determinada época e espaço, que são um patrimônio de todos nós, com o qual podemos aprender e renovar sempre.”

Este parto da tese não se conclui quando extraímos um texto das dores de cabeça e das dores nas costas e o damos por finalizado. Há que haver, neste caso, uma “junta médica” constituída por uma “banca examinadora” a que se apresenta a tese-bebê para um exame minucioso. Só depois de filigranas discutidas, diante de um público em geral impressionado com os saberes e brilhos de examinadores e examinando, é que as felicitações acontecem! ○